


**ENTRE RAÍZES E NOVOS HORIZONTES: IDENTIDADE CULTURAL DE JOVENS
DO CAMPO A PARTIR DA ÓTICA EDUCACIONAL**


**BETWEEN ROOTS AND NEW HORIZONS: THE CULTURAL IDENTITY OF
RURAL YOUTH FROM AN EDUCATIONAL PERSPECTIVE**


Recebido em: 20/01/2026

Aceito em: 16/02/2026

Publicado em: 29/03/2026

Julio Rodrigues de Oliveira¹ 
Universidade Estadual do Paraná

Marcos Clair Bovo² 
Universidade Estadual do Paraná

Fred Maciel³ 
Universidade Estadual do Paraná

Resumo: A identidade cultural é construída a partir das vivências dos sujeitos em múltiplos espaços e se configura como um conceito dinâmico e em constante transformação. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar as diferentes formas de manifestação da identidade cultural entre os estudantes de uma instituição de ensino do campo. A pesquisa, de abordagem qualiquantitativa, utilizou questionários semiestruturados aplicados a jovens de uma instituição ensino da modalidade Educação do Campo, investigando aspectos como hábitos cotidianos, relações familiares, uso das tecnologias e redes sociais, além das expectativas quanto ao futuro após a conclusão do Ensino Médio. A análise dos dados revelou uma juventude que transita entre valores tradicionais e elementos da modernidade, articulando pertencimentos diversos e reconfigurando sentidos de “ser” e “estar” no campo. As identidades analisadas demonstram características híbridas, em constante negociação entre o rural e o urbano, evidenciando a importância da ótica educacional para promover a valorização e mediação cultural desses sujeitos em diferentes espaços. O estudo contribui para refletir sobre o papel da educação na formação integral dos jovens e na afirmação de seus vínculos socioterritoriais.

Palavras-chave: Juventude; Pertencimento; Práticas Socioculturais.

Abstract: Cultural identity development is a result of experiences one lives in multiple spaces. This is a dynamic concept and it is constantly transforming. On this basis, this article aims to analyze different types of cultural identity manifestation among students from a rural school. The methodological approach consists of qualitative research, including semi-structured questionnaires that were applied to students of the rural area in order to understand some aspects, such as daily habits, family relations, technology and social media, as well as expectations for the future after graduating high school. The data analysis revealed that these young people live between traditional values and modern times, showing that they belong to several spaces and reframing the concept of “being” in the countryside. The identities considered for this research show hybrid characteristics, meaning they are constantly between rural and urban spaces, which confirms the importance of an educational perspective in order to promote appreciation and cultural mediation in these people considering the different spaces. This study aims to ponder on the role of the education in the integral formation of young people and the affirmation of their socio-territorial bond.

Keywords: Youth; Sense of Belonging; Sociocultural Practices.

¹ Egresso Programa de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná. Brasil, Paraná, Campo Mourão. E-mail: olineto20@gmail.com

² Professor e coordenador do Programa de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná. Brasil, Paraná, Campo Mourão. E-mail: mcbovo69@gmail.com

³ Professor do Programa de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná. Brasil, Paraná, Campo Mourão. E-mail: fredmaciel06@gmail.com



INTRODUÇÃO

Os processos educativos são essenciais ao desenvolvimento de qualquer sociedade, por não se restringirem somente às instituições escolares, transpondo os âmbitos familiar, político, religioso, cultural e social. Por meio da educação produz-se conhecimento e, nesse processo, permite-se o progresso de comunidades e da sociedade como um todo; ou seja, por trás da educação ocorrem intencionalidades. Sendo assim, os processos educativos devem estar intimamente associados às características culturais da comunidade onde a instituição de ensino é instalada. Como é o caso das localizadas no campo.

A Educação do Campo constitui uma modalidade de ensino voltada à educação de crianças, jovens e adultos vivendo em áreas rurais. Sendo uma política pública voltada a evitar o êxodo rural, é uma forma de acesso aos processos educativos a esses povos, sem a necessidade de terem que se deslocar às cidades. A modalidade configura-se como “um conceito político ao considerar as particularidades dos sujeitos e não apenas sua localização espacial e geográfica” (Paraná, 2006, p. 24).

Dessa maneira, a Educação do Campo está relacionada aos processos culturais que os sujeitos geograficamente inseridos no espaço rural produzem, diferente do objetivo proposto da Educação Rural: a formação voltada a atender a demanda do capital. Isto é:

[...] a Educação Rural pode ser entendida como aquela elaborada para atender às necessidades do capital, enquanto que a Educação do Campo representa os movimentos organizados do campo, a partir de uma proposta de educação construída por eles próprios (Barros; Lihtnov, 2016, p. 16).

Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar as diferentes formas de manifestação da identidade cultural entre os estudantes de uma instituição de ensino do campo. A partir do questionamento sobre como se reconhecem e se expressam enquanto sujeitos do campo, por meio de elementos que perpassam o imaginário, os costumes e o pertencimento desses jovens. A categoria de análise identidade cultural foi trabalhada a partir da perspectiva de Hall (2020), no qual as identidades são construídas socialmente e podem ser alteradas no decorrer do percurso da vida: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...]” (Hall, 2020, p. 12), entendendo esse conceito como elemento dinâmico e socialmente construído.

Ao nos atermos aos jovens pertencentes ao campo, entendemos que os mesmos vivenciam influências cada vez mais presentes da cultura urbana e globalizada, o que repercute diretamente na construção de suas identidades, entendendo que essas sofrem processos de mudanças a partir da interação entre as “raízes” e os “novos horizontes”.

A identidade dos povos do campo, mais especificamente da juventude, sofre um processo de metamorfismo, ou seja, a identidade vem mudando. Assim, Hall (2020, p. 24), ao referir-se sobre a construção das identidades culturais, pontua que “ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”. Assim, Bauman, no que lhe concerne, complementa Hall (2020) ao caracterizar que “tornando-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e ‘a identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] (Bauman, 2005, p. 17)”. Portanto, compreende-se que a identidade está em edificação e, recortando-a para a juventude, ela não é inata.

O acesso às redes sociais, às tecnologias da informação e aos meios de comunicação amplia os horizontes culturais e gera questionamento entre o pertencimento à comunidade e os desejos de inserção em contextos urbanos, no qual para esses sujeitos, em relação às suas escolhas, no que se refere ao seu futuro no campo, entre o “ficar e partir” está inserido um processo de construção, o qual com o apoio da educação em sua função social auxiliará na tomada de decisão desse jovem. Isto é, os processos educativos devem estar atrelados à identidade cultural.

Ao considerarmos que os estudantes do campo não apenas vivem entre dois mundos distintos, mas em um que as fronteiras geográficas se tornaram mais tênues e que a articulação entre o local e o global tem ganhado maior notoriedade nas últimas décadas (Hall, 2020). Esses jovens, pertencentes ao campo, constroem suas identidades entre a tradição e a inovação, entre o rural e o urbano.

Nesse sentido, o presente artigo está organizado em seções. Inicia-se pelos procedimentos metodológicos da pesquisa, seguidos da contextualização da Educação do Campo enquanto política pública que contribui para o reconhecimento e a valorização da identidade cultural. Na sequência, são analisados os dados obtidos por meio de questionários aplicados a estudantes do Ensino Médio de uma instituição da modalidade Educação do Campo, finalizando com as considerações finais do estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O aporte metodológico da pesquisa foi exploratório, fundamentado em análise bibliográfica e levantamento de dados quali-quantitativos (Gil, 2008). O estudo foi realizado em uma instituição de ensino localizada no distrito de Alto São João, no município de Roncador/PR. Justifica-se a escolha dessa instituição de ensino por representar uma realidade



presente em muitas instituições, na qual os sujeitos residentes no campo, especialmente os jovens, transitam entre diferentes realidades socioculturais.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP Unespar (CAAE 52685221.0.0000.9247) e autorização da gestora escolar, a aplicação dos questionários semiestruturado ocorreu entre novembro e dezembro de 2022, envolvendo 27 estudantes do Ensino Médio (13 da 1ª série, 5 da 2ª e 8 da 3ª), como parte de uma pesquisa de mestrado.

Iniciou-se com um questionário piloto para ajuste das perguntas. Posteriormente, cada estudante foi informado sobre a pesquisa e respondeu ao questionário individualmente, em espaço reservado e sob supervisão do pesquisador. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados com a nomenclatura “E1, E2, E3”, e assim por diante.

As perguntas abordaram hábitos, costumes, tradições, gostos musicais, culinários, formas de lazer e vínculos com o meio rural, além das influências da globalização e das mídias digitais. Os dados foram transcritos e agrupados considerando semelhanças e padrões recorrentes. A seguir, apresenta-se uma fundamentação teórica que tem como objetivo construir os significados da Educação do Campo no processo de construção identitária dos jovens do campo.

A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E IDENTITÁRIA

Existem diferentes modalidades educacionais, cada uma delas oferecendo diferentes abordagens e métodos de ensino, os quais estão em consonância com as necessidades e as circunstâncias que envolvem os estudantes. No entanto, todos os modelos educacionais têm em comum objetivo o fornecimento de conhecimentos, habilidades, valores e competências essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Sendo assim, elencamos a necessidade de que a educação seja conduzida como um ato racional, crítico e politizado, e não de forma descompromissada (Freire, 2006). Torna-se, portanto, essencial pensar a proposta educacional a partir dos estudantes e de seus contextos socioculturais, visando a formação integral dos sujeitos. Essa formação deve possibilitar a liberdade de pensamento, aliada à autonomia e à capacidade de promover transformações locais. Nesse processo, a escola desempenha um papel fundamental, ao atuar como espaço de construção político/social, formada para atender à sociedade e, ao mesmo tempo, moldada por ela.

A Escola enquanto espaço institucionalizado consiste na principal instituição social de ensino responsável por mediar os processos educativos. Sendo assim, cada Escola necessita atender à realidade social a qual o público-alvo está inserido. A partir da Educação Básica, é possível contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, levando em conta o lugar onde os estudantes vivenciam sua realidade histórica construída e seus indicadores socioeconômicos. Nesse contexto, destaca-se a importância da Educação do Campo para atender, especificamente, as populações que vivem em áreas rurais no Brasil.

A Educação do Campo é uma modalidade educacional voltada para atender às especificidades e demandas das áreas rurais, valorizando suas culturas, saberes e práticas, dos povos que se localizam nesse recorte geográfico. As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, no Art. 5, define que:

as propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade [...] contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (Brasil, 2002, p. 34).

A partir da relevância da educação como método de desenvolvimento das comunidades rurais, é garantido o acesso a uma educação de excelência, contextualizada e eloquente para os estudantes que vivem no campo a partir de elementos presentes em suas vivências e como definições de indivíduos sociais a partir da realidade socialmente construída.

Portanto, essa proposta educacional possui um caráter emancipador, uma vez que os povos do campo sempre foram marginalizados nos aspectos social, político, cultural e educacional, especialmente por serem excluídos da própria formulação do processo educativo no qual estão inseridos. Essa exclusão decorre de uma visão estigmatizada que reduz o campo e o meio rural à mera produção agrária, sem reconhecer e valorizar os sujeitos que nele vivem e atuam a partir dos processos socioculturais.

Essa compreensão da finalidade da Educação do Campo é reforçada a partir das ideias de Freire (2006), para quem a educação deve ter como fundamento principal a libertação dos oprimidos. Assim, a Educação do Campo é fruto de uma longa luta que ultrapassa os limites regionais, pois está imersa em condições históricas marcadas por desigualdades estruturais no país, sendo parte essencial do processo de emancipação desses povos no que se refere à valorização dos sujeitos enquanto indivíduos socioculturais.

É nesse momento que o povo do campo é ouvido como coletividade de seres sociais. Além de inseri-los como centro no processo educativo, “a Educação do Campo veio de encontro

aos anseios de uma parte da população brasileira que ficou por vezes à margem da sociedade, sendo ‘enxergada’, mas não vista, a deixavam falar, contudo não a ouviam [...]” (Simões; Torres, 2011, p. 13).

Assim, destacamos que muitas vezes a Educação do Campo tem seu significado confundido com a proposta da Educação Rural, onde ambas as propostas educacionais se estabelecem em um marco territorial e sociocultural que se aplica ao meio rural e aos indivíduos que ali residem. Todavia, embora ambas estejam voltadas para o mesmo público, até mesmo utilizadas como sinônimos, possuem perspectivas curriculares e formas de efetivar a educação totalmente diferentes.

A escola Rural é influenciada pelas ideologias capitalistas, ou seja, seria adequação e ajustamento da classe trabalhadora rural aos interesses dominantes, visto que o currículo escolar na Educação Rural está voltado para a perspectiva da realidade e necessidade dos povos urbanos. Essa abordagem educacional desconsidera a identidade cultural dos sujeitos no campo, pois não os valoriza enquanto pessoas e comunidades com suas vivências, mas apenas como fonte de força de trabalho utilitária para o sistema econômico.

O aluno da Educação Rural se torna prisioneiro das necessidades do capital. Embora o surgimento de escolas no meio rural tenha corroborado para a alfabetização ruralista, seu intuito não era de emancipação de aprendizado, mas de alienação e de padronização. Isto é, “a educação rural foi criada com base nos interesses do capital, é fruto dos interesses deste, ou seja, pela busca do desenvolvimento do capitalismo no campo [...]” (Santos; Miranda, 2017, p. 136). Vale destacarmos que a Educação Rural pode igualmente ser vinculada a implicações mercadológicas empresariais.

O que diferencia a Educação Rural com a do Campo é que enquanto a primeira tem viés capitalista, somente voltada à formação de mão de obra, a segunda busca promover a valorização cultural local, a inclusão social, o desenvolvimento sustentável e os fortalecimentos dos estudantes enquanto cidadãos críticos e proativos a transformar as realidades em que vivem.

Diante dessas considerações, é compreensível que a educação voltada para o meio rural não pode ser uma mera reprodução da educação já estabelecida no meio urbano. Uma vez que essa educação deve considerar as perspectivas históricas e culturais do povo para qual será ofertada. A Educação do Campo deve, portanto, considerar as perspectivas históricas, sociais e culturais do povo a quem se destina, valorizando suas práticas, vivências, saberes e modos de vida, em vez de tratá-los apenas como mão de obra e reduzir também o espaço onde residem a um simples recurso econômico e produtivo.

Assim sendo, os processos metodológicos a serem aplicados nas práticas educativas da Educação do Campo envolvem a necessidade de valorizar a identidade cultural local, sendo essencial sua incorporação no currículo escolar a ser formulado a partir de cada instituição de ensino. Além disso, a contextualização do ensino possibilita a inclusão social, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades historicamente impostas aos povos do campo. Conforme destaca o art. 9º das Diretrizes da Educação do Campo: “as demandas provenientes dos movimentos sociais poderão subsidiar os componentes estruturantes das políticas educacionais, respeitado o direito à educação escolar, nos termos da legislação vigente” (Brasil, 2002, p. 35).

Essa ação permite o fortalecimento da autonomia dos estudantes. Ao promover a compreensão e valorização de suas práticas culturais, favorece uma visão mais ampla e enriquecedora dos fenômenos sociais e históricos que estes vivenciam. Por isso, trabalhar as temáticas culturais em sala de aula é essencial, pois possibilita a emancipação do estudante enquanto sujeito, a partir do reconhecimento de sua própria identidade cultural.

Dessa forma, a Educação do Campo reafirma seu caráter socializador ao oferecer aos estudantes a oportunidade de se reconhecerem na identidade cultural à qual pertencem, possibilitando, assim, sua atuação consciente e o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais nas quais vivem, promovendo o desenvolvimento local.

Na próxima seção, será realizada uma análise sobre a identidade cultural da juventude do campo, buscando compreender como esses elementos influenciam suas vivências e perspectivas, a partir da realidade de uma instituição de ensino da modalidade do Campo.

ANÁLISE DA IDENTIDADE CULTURAL DOS ESTUDANTES DO CAMPO

Com o objetivo de apresentar os diferentes padrões de identidades culturais da juventude do campo, as perguntas do questionário semiestruturado coletaram informações gerais e dados sobre o perfil sociocultural, visando compreender a definição de suas múltiplas identidades culturais. Nesse sentido, primordialmente, o questionário teve em vista identificar características gerais dos participantes da pesquisa.

Logo, a primeira pergunta feita foi relacionada à idade, no qual os estudantes são da faixa etária de 15 a 17 anos. Além disso, estão dentro do que é relacionado como recorte etário da juventude, que se designa como o público-alvo do estudo aqui desenvolvido.

Questionados sobre as pessoas e o grau de parentesco com as quais os estudantes residem, todos afirmaram que compartilham seus lares com seus familiares, como pais, avós,



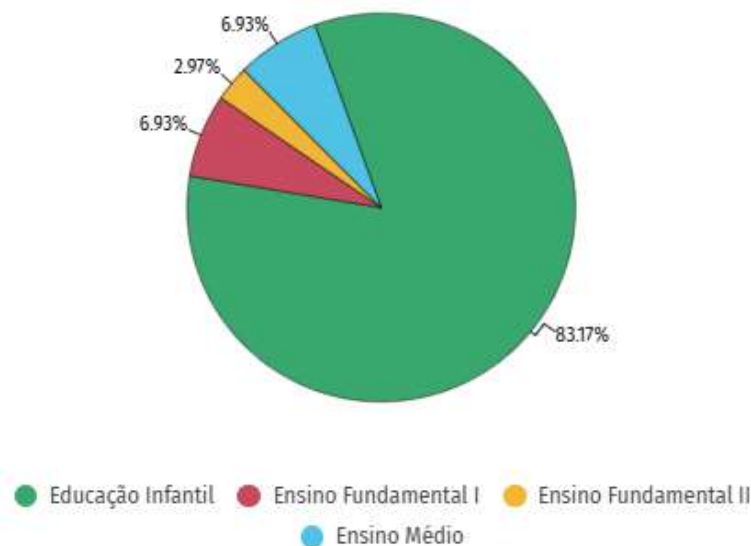
irmãos, tios, etc. Dessa forma, apresentando que os laços familiares têm um significado e simbologia na construção de suas identidades culturais.

Coadunando com questionamentos anteriores, a próxima pergunta era relacionada ao tempo que os estudantes residem na área rural, visando traçar um panorama do tempo de contato com o espaço rural que, conseqüentemente, acarreta influências na identidade campesina. Sendo que, 88,9% dos estudantes residem na área rural desde seu nascimento, 7,4% entre 5 a 10 anos, e 3,7% entre 10 a 15 anos. Em consequência, os indicadores demonstram que a maior parte dos estudantes residem na área rural desde o nascimento, ou seja, o universo do campo e rural é apresentado a estes desde os primeiros momentos de suas vidas.

Enquanto os demais estudantes que não estando residindo desde o nascimento, mas apresentam um recorte temporal significativo com esse espaço, acarretando impacto de suas identidades culturais. Questionados sobre os motivos que levaram seus familiares a migrarem do espaço urbano ao rural, foram relacionadas as oportunidades de trabalho, além de uma qualidade de vida que o espaço urbano não poderia os oferecer.

Outro item que os estudantes responderam foi pautado nos processos educativos, relacionando-se, assim, à interação deles com a Educação do Campo. Os resultados são expostos na Figura 1.

Figura 1 – Interação dos estudantes com a Educação do Campo⁴.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

⁴ As fases da Educação Básica apresentadas no gráfico correspondem a: E.I. → Educação Infantil, que engloba desde às creches e pré-escolas; E.F.F. I → Ensino Fundamental I, que engloba os alunos do 1º ao 5º ano; E.F.F. II → Ensino Fundamental II, que engloba os alunos do 6º ao 9º ano; Ensino Médio → Engloba as séries da 1ª a 3ª Série e em casos de cursos técnicos pode chegar à 4ª série.

As respostas obtidas indicam que 84,4% dos estudantes frequentam a modalidade da Educação do Campo desde a Educação Infantil, revelando uma trajetória contínua em uma instituição comprometida com a emancipação sociocultural. Tal vivência prolongada fortalece a identificação com os princípios da Educação do Campo, que busca promover o desenvolvimento humano por meio do conhecimento crítico e da valorização do espaço rural. Já os estudantes que ingressaram nesse modelo em etapas posteriores também reconhecem seus objetivos, destacando o papel da escola na formação para a autonomia e valorização das raízes locais.

PROJETOS DE VIDA E PERMANÊNCIA NO CAMPO

O segundo bloco do questionário abordou a percepção dos estudantes sobre as Ciências Humanas. A maioria reconheceu a importância desses componentes curriculares para a compreensão crítica do mundo, com destaque para a contextualização dos conteúdos com a realidade local. Aulas práticas de Geografia, contação de histórias⁵ em História e debates sobre políticas públicas em Sociologia foram mencionadas como estratégias eficazes que aproximam o conhecimento escolar da vivência cotidiana.

No terceiro bloco, a análise sobre os projetos de vida revelou que 88,8% dos estudantes já possuem planos estruturados, enquanto 11,2% estão em fase de definição. As metas mais citadas incluem o ingresso no Ensino Superior, a entrada no mundo do trabalho e conquistas relacionadas à vida adulta, como formação de família e aquisição de bens de interesse pessoal.

Assim sendo, observamos um alto grau de consciência identitária, com destaque para estudantes como E1 e E14, que planejam carreiras diretamente ligadas ao campo, como profissões de domador de cavalos e laçador, reafirmando o orgulho pela cultura local e a intenção de permanecer no espaço rural por meio de atividades significativas.

Entre as respostas dos estudantes, E24 expôs seu pensamento da vontade de permanecer na área rural⁶:

Gostaria de ficar com minha família no sítio para sempre, a calmaria, sem barulho, o ar puro, por outro lado, não tem oportunidade, a gente jamais irá competir com os fazendeiros que possuem vários hectares de terra, e se hoje em dia já não é fácil para meus pais me criarem junto dos meus três irmãos, futuramente há de estar pior. Logo,

⁵ Metodologia conhecida como *storytelling*, em português “contar histórias”. Refere-se à habilidade de usar narrativas para comunicar informações para trabalhar os conteúdos.

⁶ Todas as respostas dos estudantes foram preservadas, para serem o mais fidedignas possível. Apenas foram utilizados alguns recursos da Língua Portuguesa para estarem autoexplicativas.

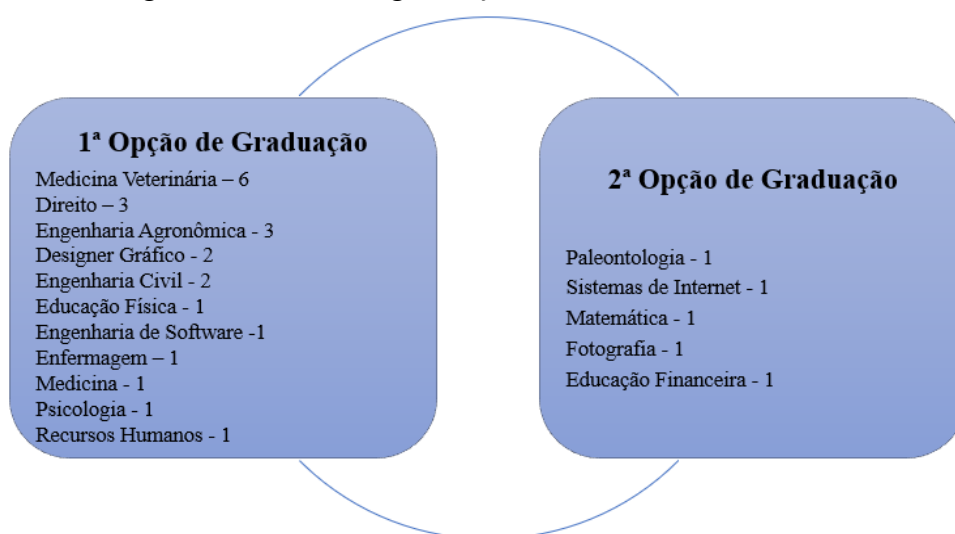
não quero dar essa condição de vida aos meus filhos. Sendo assim, terei que mudar para cidade daqui a um tempo e arrumar emprego (E24, 2022)⁷.

Nessa resposta percebemos a síntese de um dos principais problemas da realidade do espaço rural no Brasil: a concentração de terras na mão de poucos e a falta de incentivos a políticas agrárias efetivas, especialmente a agricultura familiar, tornando-se assim um retrato brasileiro da desigualdade social.

Inqueridos sobre o interesse em permanecer residindo na área rural após concluir o Ensino Médio, 65% dos estudantes têm o interesse em continuar; no entanto, 35% querem migrar ao espaço urbano. Percebemos uma proximidade entre as respostas, nas quais os elementos de identificação com o local de origem e a falta de oportunidades transfiguram-se em itens que impactam o pensamento da juventude que vive na área rural sobre o desejo de “ficar ou partir” (Kummer, 2018).

Diante disso, avançamos nessa caracterização dos estudantes e constatamos o interesse dos mesmos em realizar um curso de graduação. Isso surpreendeu veementemente ao analisar que 85% dos estudantes têm o interesse na formação a partir do Ensino Superior, enquanto 15% não prosseguirão, após a conclusão do Ensino Médio. Entre as respostas dos estudantes que buscarão realizar uma graduação, foram categorizadas em 1ª opção de curso e 2ª, além do número de estudantes que possuem interesse por cada. Os resultados estão apresentados na Figura 2:

Figura 2 – Cursos de graduação de interesse dos estudantes.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

⁷ Resposta do questionário aplicado ao estudante E24 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

Entre os cursos superiores mais mencionados pelos estudantes, destacaram-se Medicina Veterinária, Engenharia Agrônômica e Direito. Os dois primeiros se relacionam diretamente à realidade rural, enquanto o curso de Direito aparece como símbolo de prestígio social e ascensão financeira, influenciado pela visão das famílias. Cursos como Design Gráfico e Engenharia de Software foram citados como oportunidades de inserção em áreas em crescimento, especialmente pela possibilidade de trabalho remoto, como apontado por E12, que deseja conciliar a profissão com a permanência na área rural.

Outras opções mencionadas, como Recursos Humanos, Psicologia, Enfermagem, Medicina, Educação Física e Engenharia Civil, revelam aspirações ligadas à realização pessoal e estabilidade profissional. Estudantes como E9 e E17 também expressaram dúvidas sobre qual caminho seguir, ponderando entre afinidades, empregabilidade e rentabilidade. Essas narrativas demonstram que, mais do que escolhas pontuais, os estudantes buscam realizar um projeto de vida com sentido, que articule seus desejos, oportunidades e vínculos comunitários.

Essa busca, ainda que inicial e por vezes incerta, reforça a importância do apoio institucional na construção de trajetórias conscientes. Conforme Araújo, Arantes e Pinheiro (2020), os projetos de vida envolvem dimensões pessoais, profissionais e sociais. Incentivar o retorno dos jovens às comunidades de origem pode promover crescimento coletivo e desenvolvimento local, pautado por um forte senso de pertencimento (Caune, 2014).

Portanto, perguntamos aos estudantes, a partir de suas perspectivas futuras, quais seriam as possíveis contribuições de retorno que os mesmos poderiam atribuir ao distrito de Alto São João. Nesse segmento, os principais itens que figuraram enquanto respostas foram necessariamente o trabalho.

A partir do agrupamento de respostas, identificaram-se alguns padrões, por exemplo: alguns participantes tencionaram que não poderão contribuir, tendo em vista que irão morar nas cidades, como foi o caso de E17. Enquanto os estudantes que pretendem cursar Medicina Veterinária e Engenharia Agrônômica afirmaram poderem contribuir a partir do aprendizado construído durante a graduação, sendo assim, prestando assistência médica veterinária e agrônômica aos moradores do distrito.

Também foi levantado como forma de encargo os estudantes E7, E12 e E20, que explicaram em suas respostas que buscarão trazer melhorias e recursos ao distrito. As formas e obtenções desses benefícios, segundo os participantes, ocorrerão “mediante a uma maior

participação na vida política e cidadã, que foi negado às gerações anteriores, pela falta de acesso à informação” (E17, 2022)⁸.

TECNOLOGIA, REDES SOCIAIS E IDENTIDADE CULTURAL

Dando continuidade na análise dos questionários, a quarta parte contempla perguntas relacionadas à relação que os estudantes estabelecem com a internet e as redes sociais. Sendo a primeira pergunta se os estudantes possuem celular próprio, obtivemos a estatística de que 92% possuem celular próprio, com exceção de dois estudantes do Ensino Médio que são irmãos e compartilham o mesmo aparelho e somente 8%, que representa 2 estudantes, não possuem celular próprio.

Ademais, 81% possuem em sua residência rede de internet Wi-Fi, já 19% não. Indagados sobre as suas residências são abrangidas pelo sinal de telefonia móvel para o acesso à internet por meio de pacote de dados de operadora, 52% afirmam possuir essa forma de conexão, enquanto 48% não possuem acesso. Dessa maneira, as empresas que fornecem internet via Wi-fi estão apresentando maior eficiência em facilitar os meios de comunicação das pessoas que vivem na área rural, se comparado com as redes de telefonia móvel.

Entre os principais espaços utilizados para o acesso à internet, os estudantes elencaram suas próprias residências. E19 explicou como faz para manter-se conectado:

Quando não estou na escola, ou não saio de casa nos finais de semana, para ir para o Marquinhos, jogar sinuca e comer salgadinhos. Para não ficar tão desatualizada dos acontecimentos que estão ocorrendo com meus amigos e família, eu pego minha moto, vou até o morro que está perto da minha casa, onde funciona o 4G e fico conversando com meus amigos pelo WhatsApp, vejo uns vídeos no TikTok, baixo umas músicas lançamento do sertanejo da Ana Castela, para ouvir deitada em minha cama. É muito bonito o pôr do sol e observar as fazendas todas por cima do morro, e quando começa a escurecer, volto para a casa (E19, 2022)⁹.

Exemplo como esse ilustra os microcosmos presentes nas regionalidades brasileiras. A juventude do campo descreve como uma exemplificação, na qual elementos do passado fundem-se com a atualidade e ainda persistem os modos de vida, as identidades culturais, a vida campestre cercada pelas atividades agropecuárias concomitantemente com as belezas cênicas paisagísticas.

⁸ Resposta do questionário aplicado ao estudante E17 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

⁹ Resposta do questionário aplicado ao estudante E19 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

No que concerne à finalidade da utilização da internet, as principais respostas evidenciadas pelos estudantes foram: acompanhar noticiários e informação; estudar e pesquisas escolares; uma ferramenta que permite a distração e o entretenimento como os jogos, acompanhar futebol, novelas, séries e filmes. Conforme um entrevistado: “já que aqui a gente não tem muito lugar para sair, ver uma série, um filme, ou uma partida de futebol, torna-se as minhas formas de distração e entretenimento” (E15, 2022)¹⁰.

Curiosamente, E11 explicou que uma das funcionalidades da internet é o auxílio para os negócios da família: “vejo que com a internet ficou mais fácil para comprar e vender os rebanhos de gado da fazenda, posso cotar o preço ao meu pai, e assim termos lucro” (E11, 2022)¹¹. Mantendo-se, assim, as tradições familiares com a inserção de novas tecnologias.

No que diz respeito aos estudantes possuírem redes sociais, 96% possuem cadastros nas redes, enquanto 4% (que corresponde a somente um estudante) não possui redes sociais. Contestado sobre não possuir cadastro nas plataformas de mídias sociais, o estudante E21 explicou: “não tenho celular, mas tenho um notebook em casa, até poderia ter esse aparelho móvel, mas por enquanto me sinto bem” (E21, 2022)¹². Isso demonstra que nem mesmo a juventude pode ser mensurada em somente um padrão cultural, cada indivíduo tem suas especificidades. Em relação às redes sociais, a Figura 3 apresenta as que os estudantes possuem, considerando o total de 26 participantes.

Figura 3 – Redes sociais que os estudantes possuem.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

¹⁰ Resposta do questionário aplicado ao estudante E15 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

¹¹ Resposta do questionário aplicado ao estudante E11 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

¹² Resposta do questionário aplicado ao estudante E21 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

Por meio dos dados, constatamos que as principais redes sociais que os estudantes possuem são *Instagram* e *WhatsApp*, sendo que, no universo da pesquisa, é constituído da totalidade de acesso pelos participantes. Além disso, as menções sobre *TikTok* e *Facebook* estão equiparadas com a pesquisa realizada pelas plataformas *Hootsuite* e *WeAreSocial*, ao afirmarem que essas são as principais redes sociais utilizadas no Brasil (Grandchamp, 2021).

Logo, as redes sociais como *Twitter*, *Kwai*, *Discord* e *LinkedIn* não são tão utilizadas, como o *Discord* usado por comunidades de jogos, grupos de estudo, equipes de trabalho remoto, comunidades de interesse, enquanto o *LinkedIn* é uma rede social profissional voltada para contatos e conexões profissionais. Sendo assim, a utilização das redes sociais pela juventude é ampla e variada.

Dessa forma, quanto à interação dos estudantes com pessoas de diferentes culturas por meio das redes sociais, 85% afirmam que possuem contato com diferentes identidades culturais, citando em suas respostas os exemplos de “colegas de jogos que moram na Argentina, por meio do *Discord*” (E21, 2022)¹³ e “playboys e patricinhas da cidade” (E11, E19)¹⁴.

As principais respostas dos estudantes destacaram os denominados “playboys” e alguns estilos culturais que estão presentes no universo das redes sociais que imitam a cultura de quem é do campo e pertence ao meio rural. Outros exemplos citados pelos estudantes referem-se àqueles grupos de indivíduos que possuem características distintas de suas identidades culturais e, graças à globalização e à propagação dos meios de comunicação, podem viver de forma integrada e harmonicamente. Sobre as temáticas que a juventude tem em vista acompanhar nas redes sociais, a Figura 4 apresenta as menções dos estudantes.

Figura 4 – Temáticas que a juventude acompanha nas redes sociais.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

¹³ Resposta do questionário aplicado ao estudante E21 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

¹⁴ “Playboy” e “Patricinha” são termos coloquiais usados para se referir a um tipo específico de pessoa, geralmente associado a ricos que levam uma vida despreocupada, cheia de luxos, festas e atividades de lazer. No entanto, na concepção dos estudantes, os mesmos relacionaram esses estereótipos aos indivíduos que moram na cidade.

Os dados revelam que os estudantes acompanham uma variedade de temáticas nas redes sociais, refletindo interesses individuais e elementos significativos de suas identidades culturais. Entre os temas mais mencionados estão músicas, memes, curiosidades, celebridades, séries e futebol, todos com forte apelo simbólico e significativo entre os jovens (Kellner, 2001). Além disso, há interesse por noticiários, política e vida cidadã, indicando o desenvolvimento de senso crítico e consciência social.

Destaca-se que 50% dos estudantes afirmaram utilizar as redes sociais também para revisar conteúdos escolares, o que revela um amadurecimento nas expectativas acadêmicas e profissionais. As redes sociais, nesse contexto, tornam-se espaços não apenas de lazer e entretenimento, mas também de formação intelectual e identitária.

Quando questionados sobre representatividade, 92% afirmaram se identificar com pessoas ou elementos que acompanham nas redes sociais, enquanto 8% não se sentem representados. Essa identificação reforça a ideia de que os conteúdos consumidos influenciam diretamente a construção das identidades culturais desses jovens.

EXPRESSÕES DA IDENTIDADE CULTURAL

Por fim, a última pergunta do questionário pediu que os estudantes descrevessem brevemente como caracterizam suas identidades culturais. As respostas, analisadas em conjunto, apontam para uma juventude que transita entre valores tradicionais e influências contemporâneas, articulando vivências locais com elementos globais, num processo contínuo de negociação identitária. A seguir, alguns exemplos:

Posso dizer que minha identidade é ser um autêntico boiadeiro, não pode faltar nos meus trajes como o chapéu e minha fivela. Paguei caro, mas foi com muitos finais de semana ajudando meu pai na fazenda, fazendo cerca. Quando vou nas festas, as pessoas olham pra mim, não sei se gostam ou não do meu estilo, mas eu me sinto bem e é isso que importa, os outros são os outros. Aí quando trabalho levando os bois de um pasto para o outro, uso minha calça de couro e o laço, é por isso que quero fazer um curso de Domador de Cavalos (E14, 2022)¹⁵.

Bem, acho que o que mais me define é ser uma menina da pecuária, não essas modinhas que realmente não vai e executa o trabalho, ou não vive o que a gente pode na roça, é sobre trabalhar com a pecuária de corte, ajudar o pai nos negócios, ver que sou importante. E, principalmente, no final do mês, ir à loja country e poder comprar à vontade as minhas botas, a minha guaiaca, minha faixa paraguaia, além das calças do jeito que quero e gosto (E11, 2022)¹⁶.

¹⁵ Resposta do questionário aplicado ao estudante E14 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

¹⁶ Resposta do questionário aplicado ao estudante E11 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.



Moro somente com meu avô, meio que sou responsável por ele, e jamais trocaria todas essas vivências que tenho com ele, desde ir ajudá-lo a tirar leite das vacas de manhã, escutando aquelas modas antigas de viola no rádio a pilha, antes de vir para a escola, os finais de semana que posso montar em bois, como peão de rodeio, ir para a cidade, onde posso dirigir a F1000 e ele fica no meu pé para não correr demais, mas acho legal. No final do mês, com o dinheiro da aposentadoria e do gado leiteiro, sempre sobra um dinheiro, aí posso comprar umas coisinhas para mim. Bem, [...] tudo isso me fez aprender o que é ser uma pessoa humilde, ter apego com as raízes, como a humildade e comprometimento no que quero fazer em minha vida, como cursar Agronomia e assim continuar pertinho da minha família (E19, 2022)¹⁷.

As três narrativas escolhidas demonstram a essência da identidade cultural, por ser negociável e construído no contexto social e cultural que os sujeitos vivem (Hall, 2020). As respostas ilustram situações da cotidianidade que definem os traços de cada um desses jovens e mostram também que eles possuem orgulho da forma que são. Além da realização e satisfação pessoal que esse estilo de vida os proporciona.

Assim, constatamos que os estilos de identidades culturais apresentadas nas respostas dos estudantes, que mesclam elementos próprios de sua caracterização e narrativas da vida, demonstram os estilos de vida que persistem no campo como a conexão mais próxima com a natureza, uma ênfase no estilo de vida baseado na simplicidade e laços de pertencimento com o local. Embora possa haver alguns desafios e limitações, se comparados com as pessoas que residem nas cidades, os participantes encontram um significado e propósito em suas vidas ao adotarem esse estilo.

Mediante a autorização prévia dos participantes, a Figura 5 apresenta alguns elementos que os mesmos definem serem decisórios na construção de suas identidades culturais, desde elementos compartilhados e aqueles que agem individualmente. Vejamos:

Figura 5 – Exemplos de Identidade Cultural.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

¹⁷ Resposta do questionário aplicado ao estudante E19 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.



As práticas como o apego às tradições familiares, a valorização do trabalho, ornamentos e moda *country*; a afeição às pequenas situações do cotidiano, como o cuidado com animais de estimação e trabalho permite que o sujeito possa sentir-se pertencido e reconhecido da forma a qual se sente bem, antemão aos modelos culturais impostos socialmente pela sociedade do consumo (Bauman, 2005).

Esse exercício de reconhecimento de si próprio e valorização dos elementos que definem suas essencialidades e, conseqüentemente, sua identidade cultural são uma forma de resistência cultural e valorização da diversidade (Lopes, 2012) presente no território brasileiro.

Para Hall (2020), as identidades culturais não se delimitam somente das influências sociais e culturais da comunidade na qual os sujeitos residem. O sociólogo destaca a agência dos sujeitos na construção de suas próprias identidades, em que os mesmos podem se posicionar ativamente em relação às representações culturais dominantes, ou que muitas vezes são impostas, podendo reivindicar suas identidades que transcendem esse sistema.

Assim, os objetivos de vida são determinantes na construção das identidades culturais, como: “posso um pensamento diferente dos meus familiares que moram no sítio, eu até gosto daqui, mas não me sinto incluído e pertencido a esse sistema, da tranquilidade, quero ir para a cidade” (E17, 2022)¹⁸. Também foi possível identificar nas respostas dos entrevistados o que Bauman (2005) e Hall (2020) definem como identidades culturais fluidas e negociáveis que podem ser revogadas a qualquer instante. Conforme as respostas dos entrevistados E5, E9, E12 e E22 que não conseguem definir sua identidade cultural previamente. Afirmaram ser “eccléticos”¹⁹ por gostarem de tudo um pouco, ou afirmaram que ainda estão indecisos sobre os elementos decisórios às suas identidades culturais, exemplificados a partir dos traços de hibridismo e fragmentação das identidades culturais, como exposto por Hall (2020).

Diante disso, interrogamos sobre a importância da cultura do campo. Neste estudo, consideramos as práticas socioculturais a partir do contato com a terra, forte afeição com a natureza e um estilo pretextado à calmaria. 92% dos estudantes consideram importante, mesmo que alguns não sejam inseridos nesse contexto, enquanto 8% afirmam indiferença sobre essa prática cultural.

Em relação aos estilos musicais, encontramos nas respostas dos participantes a diversidade, como o ecletismo afirmado por 8 estudantes, que indicaram “gostarem de tudo um

¹⁸ Resposta do questionário aplicado ao estudante E17 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

¹⁹ Conforme a definição do dicionário, uma pessoa ecclética possui características diversas compostas por diferentes elementos, inclusive com tendências divergentes.



pouco”; já outros, com o estilo musical mais definido, incapazes de trocar suas músicas favoritas. As menções dos estudantes para cada gênero musical encontram-se a seguir, na Figura 6:

Figura 6 – Estilos Musicais.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Os estilos musicais preferidos pelos estudantes revelam a presença de influências culturais diversas. O Sertanejo se destaca como o mais mencionado, principalmente por sua relação com a tradição local e familiar. Alguns participantes mencionaram o gosto pelo “sertanejo antigo”, aprendido com os pais, como E11²⁰, que cita Tião Carreiro e Pardinho. Outros estilos urbanos, como Funk, Hip Hop, Pop e até o K-pop, também aparecem, evidenciando os efeitos da globalização e da Indústria Cultural (Adorno; Horkheimer, 1978), que aproximam diferentes referências culturais até mesmo no espaço rural.

A música é destacada como uma das expressões mais significativas da identidade cultural, associada às vivências e experiências familiares, especialmente com a figura dos avós. Muitos estudantes citaram como valores herdados dos antepassados o respeito, o trabalho, a fé e o modo de falar. Contudo, uma minoria afirmou não se identificar com os valores familiares, como E17 e E24, o que pode estar relacionado ao contato com outras culturas e experiências fora da família.

Em relação à influência das redes sociais, 84% dos estudantes afirmaram seguir tendências de moda, comportamento e cultura a partir de influenciadores digitais. Já 16%

²⁰ Resposta do questionário aplicado ao estudante E11 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.

preferem manter um estilo próprio. Sobre o vínculo com o campo, 70% reconhecem que suas identidades culturais estão relacionadas às práticas rurais, enquanto 30% apontam influências externas.

Todos reconhecem a modernização do campo, incluindo melhorias na produção agrícola, acesso à internet e mudanças nas mentalidades locais. Ainda assim, 85% dos estudantes afirmaram gostar de viver no campo, enquanto 15% demonstraram insatisfação, principalmente pelas limitações de acesso e oportunidades. Por fim, os estudantes foram convidados a refletir sobre os grupos culturais “caipiras” e “agrobos”, apontando com originalidade suas identificações com esses perfis no contexto atual, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Definições das terminologias de *Agroboy* e *Caipira* para os estudantes.

AGROBOY	CAIPIRA
Caipira moderno	Mora no interior
Estiloso	Jeito de falar marcante (muito preconceito perante à sociedade)
É uma modinha ²¹	Tem uma moradia simples, é parado no tempo
Rico	Gosta de onde mora e de trabalhar
Apropria-se da identidade do caipira	Mais simples possível
“Playboy” ²² de sítio	Pé no chão ²³ , sabe fazer as coisas
Não garante um bom trabalho	Trabalhador
Somente tem estilo	Gosta do mato e da roça, e não tem ligações com a cidade
Não mora no sítio, na maior parte dos casos	Não gosta de modernidade, mas, sim, simplicidade
Inovador	Rústico, rígido e bruto
Influência do <i>country</i> americano	Sotaque marcante
Relacionará o tradicional com o moderno	Respeita tradições antigas

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

²¹ A expressão “modinha” é designada pelos estudantes como uma forma de tendência a ser seguida.

²² O termo “playboy” faz alusão aos moradores do espaço urbano.

²³ Expressão popular que se refere a pessoas que se mantêm na realidade e vivem sem ilusões.

As respostas dos estudantes revelam diferentes percepções sobre os grupos culturais “caipiras” e “*agrobos*”, compreendidos como expressões simbólicas presentes na área rural. Os *agrobos* foram associados à modernização do campo, incorporando elementos como inovações tecnológicas, infraestrutura e uso de roupas típicas do meio agropecuário, mesmo que, em alguns casos, não residam no espaço rural. Ainda que essa figura esteja ligada à contemporaneidade e à apropriação da estética rural, não representa a totalidade da juventude do campo, uma vez que as identidades culturais são múltiplas e particulares.

Por outro lado, o termo “caipira” foi relacionado à afeição pelo campo, à valorização das tradições, à simplicidade e ao respeito às raízes, embora os estudantes também tenham reconhecido o estigma e o preconceito associados a essa nomenclatura. Em ambas as categorias, nota-se que os estudantes não enxergam uma oposição rígida entre o tradicional e o moderno, mas sim uma coexistência de estilos culturais que se complementam e coexistem no contexto rural contemporâneo.

A partir dessas interpretações, compreende-se que não há uma substituição de uma identidade por outra, tampouco uma hierarquização entre elas. Como defende Lopes (2019), as culturas devem ser valorizadas de forma contínua, sem reduzir suas manifestações a rótulos fixos. Estudantes como E11, E14 e E19 expressaram orgulho em se identificarem como caipiras, enquanto E12 reconheceu características de *agrobos* em sua própria identidade, refletindo a fluidez entre o rural e o urbano. Outros estudantes também tencionaram sobre a flutuação dos estilos de identidade:

Tem horas que me vejo um caipira nato, gosto de calçar a botina, usar um chapéu, uma fivela, mas tem dia que vou e calço um *All Star* que ganhei de uma tia que mora em Curitiba. Vejo que no campo há diferentes estilos de identidades culturais, como tem aqueles que gostam de música Kpop, ou quem usa um piercing no nariz, e todos olham “diferente”. O campo possui os caipiras e o *agrobos*, mas não só estes, tem gente de tudo estilo, de todo jeito, de todo o gosto. Vemos isso mais é na escola, não é porque estudamos em uma escola que fica no sítio, que todo mundo usa botina, alguns sim e com orgulho, outros preferem se vestir de outras maneiras. Mas o que mais importa é se sentir bem consigo mesmo (E23, 2022)²⁴.

A narrativa evidencia que a identidade cultural está profundamente ligada ao sentimento de pertencimento e realização pessoal, influenciada pelo ambiente social e cultural no qual o sujeito está inserido. Essa identidade não se resume à tolerância, mas envolve o

²⁴ Resposta do questionário aplicado ao estudante E23 do Ensino Médio em 22 de agosto de 2022, para tanto, foi assegurado a não identificação do mesmo.



reconhecimento, o respeito e a valorização da diversidade, o que fortalece os laços sociais, promove a justiça cultural e enriquece a experiência humana em múltiplas dimensões.

Na área rural, as identidades culturais transitam entre as tradições locais e as influências contemporâneas, especialmente aquelas oriundas das redes sociais, que integram o local ao global. Como relatado por E23, a escola é percebida como um espaço de valorização dessa diversidade e deve pautar-se no desenvolvimento de valores éticos e sociais, consolidando o sentimento de pertencimento e o desenvolvimento comunitário.

Sob a ótica dos Estudos Culturais, compreende-se que cultura, identidade e sociedade são dimensões interdependentes. Ainda que influenciadas pela lógica consumista da cultura midiática, essas manifestações simbólicas são partes decisórias do ser humano em sua relação com o coletivo. As práticas culturais favorecem vínculos comunitários e o desejo de contribuir com o espaço ao qual se sentem ligados. No entanto, para que essas contribuições se consolidem, é necessário o fortalecimento de políticas públicas que garantam acesso a recursos, oportunidades e investimentos, pois o reconhecimento cultural, por si só, não assegura o desenvolvimento social. Nesse sentido, um passo importante é o reconhecimento das identidades culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões e dados evidenciados ao longo da pesquisa, compreendemos que a construção da identidade cultural dos jovens do campo é um processo dinâmico e marcado pela constante negociação entre valores herdados e influências contemporâneas. Os estudantes demonstram forte vínculo com suas raízes, expressas em hábitos, linguagens, vestimentas e projetos de vida, ao mesmo tempo em que incorporam elementos externos trazidos pela globalização, revelando identidades híbridas e singulares.

Nesse cenário, a escola assume papel central na formação de sujeitos críticos e conscientes, sendo espaço de escuta, valorização da cultura local e articulação entre saberes populares e acadêmicos. A oralidade, as práticas produtivas e os modos de vida do campo podem se tornar conteúdos significativos quando integrados a um currículo contextualizado, capaz de dialogar com as realidades vividas pelos estudantes. Reconhecer os jovens do campo como sujeitos de saberes, vozes e desejos próprios é fortalecer seu sentimento de pertencimento e sua autoestima.

A Educação do Campo, ao considerar as especificidades da realidade rural, torna-se um instrumento fundamental para o desenvolvimento social, ao promover a formação integral e o

respeito às identidades locais. Essa proposta educativa precisa estar pautada na cultura como elemento central, reconhecendo que cada jovem (seja ele identificado como caipira, agrobóio ou qualquer outra expressão que o represente), é um ser humano único, com potencial para transformar sua comunidade e o mundo.

Contudo, para que esse processo seja efetivo, é imprescindível que políticas públicas garantam o direito a uma Educação do Campo de qualidade, com formação adequada de professores, acesso à tecnologia, valorização da diversidade cultural e fortalecimento do currículo contextualizado. A juventude do campo quer ser ouvida, valorizada e reconhecida como protagonista de sua própria história e trilhar seus caminhos de vida. Cabe à educação oferecer os meios para que isso se concretize.

Assim, como professores e pesquisadores, reafirmamos que a verdadeira transformação não se sustenta em frases de efeito, mas em ações concretas. Esse trabalho se configura como uma prática que promove a identificação dos estudantes com sua cultura e seu território, permitindo que se reconheçam como sujeitos históricos, compreendam seu papel no mundo e atuem como agentes de mudança social. A Educação do Campo tem, portanto, o poder de unir raízes e horizontes, cultivando identidades, pertencimentos e futuros possíveis a serem construídos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. (org.) **Comunicação de Cultura Industrial**. 4.ed. São Paulo: Nacional, 1978. p. 7-20.

ÁRAUJO, Ulisses Ferreira; ARANTES Valéria; PINHEIRO Valéria. **Projetos de Vida: fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais**. São Paulo: Summus, 2020. 120 p.

BARROS, Lânderson. Antória.; LIHTNOV, Dione Dutra. Reflexões sobre a Educação Rural e do Campo: as leis, diretrizes e bases do ensino no e do Campo no Brasil. **Geographia Meridionalis**, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 20-37, 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Geographis/article/view/8026>>. Acesso 11 jul. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 112 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989. 510 p.

BRASIL. **RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo. Disponível em: https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_resolucao_%201_de_3_de_abril_de_2002.pdf Acesso em: 19 mai. 2025.



CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação**: convergências teóricas e lugares de mediação. 1. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2014. 148 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 176 p.

GRANDCHAMP, Leonardo. Brasil é o 3º país que mais usa redes sociais no mundo todo! **Rede Jornal Contábil**. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo-todo/> Acesso em: 22 set. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006. 176 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. 64 p.

KELLNER, Douglas. Guerra entre teorias e estudos culturais. *In*: **A cultura de mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001, p. 25-74.

KUMMER, Rodrigo. **Juventude rural, entre ficar e partir**: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palma Sola/SC. 2013. 308f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2007#preview-link0> Acesso em: 13 jul. 2025.

LOPES, Ana Maria **D'Ávila**. Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, ano 20, n. 38, p. 67-81, jan./jun. 2012. Disponível em: 13 jul. 2025. <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/301/276> Acesso em: jul.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação da Educação no Campo**. Curitiba: SEED, 2006.

SANTOS, Aline Teles; MIRANDA, Elinaldo Ferreira. Educação do rural versus educação do campo: paradigmas e controvérsias. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 6, p. 134-146, 2017.

SIMÕES, Willian.; TORRES, Mirian Rosa. **Educação do campo**: por uma superação da educação rural no Brasil. Curitiba, 2011, p. 18322-18331.